

um em sequência linear, segundo um parâmetro preestabelecido, e colocados lado a lado. De um lado, uma fila de planos flutuantes translúcidos. Do outro, seus pares terrenos, escuros e opacos, levemente deslocados para frente.

A obra resulta, nas suas palavras, de “uma luta inglória” entre aquilo que ela espera ou deseja dos materiais e aquilo que é de fato possível. O resultado é um equilíbrio entre os dois. Mas não será a manutenção das expectativas uma questão recorrente nos trabalhos de arte em geral? Ou uma questão intrínseca da vida? Curiosamente, Paloma joga com o aspecto e com a realidade dos materiais gerando uma espécie de frustração de expectativas. A sensação, ao estar diante dessa e de outras obras suas, pode ser oposta à esperada quando descobrimos do que elas são feitas. Talvez esta percepção venha da delicadeza com que seus elementos se relacionam entre si e com o espaço: trançados, esvoaçantes, simplesmente apoiados, na iminência de tocar o solo sem tocá-lo. Talvez pelo uso da transparência ou translucidez, que modifica a luz que os atravessa. Fato é que, em muitas de suas obras, passamos a perceber de outra maneira materiais que poderiam gerar reações de repulsa em muita gente.

A artista também nos faz olhar para além da superfície dos materiais e relativizar o seu valor. Inventário (The Blind Leading The Blind) utiliza membrana de intestino, por onde passaram todas as impurezas que queremos eliminar e nem ver. Porém, é também este tecido que seleciona os nutrientes que nos fazem crescer e viver. Ou seja, seu papel na manutenção da vida animal é fundamental.

Ela nos faz pensar em tudo o que uma matéria orgânica carrega, como a cera de abelha, utilizada na construção das barras da instalação. Basta imaginar o trabalho necessário para sua formação. Na quantidade de horas e insetos ou ainda no tanto de informação trazida por cada uma dessas abelhas, pelos locais pelos quais passaram para construir uma quantidade ínfima de matéria.

Nessa e em muitas de suas instalações, Paloma estabelece relações entre elementos a princípio díspares: de diferentes naturezas, durezas, procedências, texturas, pesos e matérias. Juntos, eles convivem, mesmo que em oposição, de forma harmônica. As composições da artista são quase musicais. São pontuações rítmicas no espaço, geradas por pequenos deslocamentos ou sutis mudanças de direção. Isso fica claro em “Inventário (The Blind Leading The Blind)”.

A expressão idiomática “the blind leading the blind”, que está no título da obra, data de antes de Cristo, de textos em sânscrito, centrais para a filosofia hinduísta e para o budismo e jainismo na Índia. A metáfora se refere a uma situação na qual uma pessoa que não sabe nada

PALOMA BOSQUÊ

Ver Paloma Bosquê trabalhar é perceber a familiaridade da artista com os materiais que utiliza: tripa de boi, cera de abelha, feltro, breu, papel. Apesar de muitas vezes frágeis, ela dobra sem medo os elementos que compõem suas esculturas e instalações. Talvez seja essa uma das chaves do trabalho da artista: um conhecimento íntimo, de alguém que experimentou muito e aprendeu a entender as limitações e possibilidades de uma série de materiais.

Designer gráfica de formação, parte do saber adquirido por Paloma passou por perceber que lidar com esses materiais implica sempre em uma negociação e que a realidade do computador e dos grids não se aplica ao mundo real. Foi a partir do tato que ela aprendeu a criar soluções em função de suas respostas.

A instalação Inventário (The Blind Leading The Blind) (2018), é um bom exemplo disso, composta por elementos retangulares feitos com tripa de boi costurada e barras de cera de abelha e breu. Nela, a artista joga com a precisão dentro da completa imprecisão. Esforça-se para transformar algo orgânico, irregular, cilíndrico e torcido, em algo plano, ortogonal e geométrico. É como se quisesse ir contra as leis da natureza, mas sem deixar de respeitá-las todo o tempo. A instalação é um inventário de dois conjuntos, complementares, dispostos cada

recebe conselhos ou ajuda de outra que tam -
pouco sabe muito. Foi retomada no Evangelho
de São Mateus, em uma crítica de Jesus aos fari -
seus, que dizia que se um cego conduzir outro,
ambos cairão na mesma vala. Essa imagem
bíblica foi retratada pelo pintor renascentista
flamengo Pieter Brueghel, o Velho. A pintura, de
1568, hoje está no Museo di Capodimonte, em
Nápoles.

Paloma, todavia, utiliza a parábola com um
sentido distinto do bíblico. Para ela, a figura de
linguagem refere-se a um movimento infinito,
cíclico e sem resultado objetivo. A expressão
também faz alusão a um organismo fechado
em si mesmo, como um grupo que segue uma
lógica própria, distinta daquela do mundo ao
redor. “Se, por um lado, cegos guiando cegos
são uma catástrofe em potencial para aqueles
que enxergam, por outro, talvez lhes falte a
percepção de que aquele grupo apenas segue
uma lógica distinta da maioria. Distinta da deles”,
diz a artista. Nessa metáfora, os cegos podem
ser trocados por qualquer minoria, ideologia ou
grupo de elementos que se guie por parâmetros
que, aos olhos da maioria, possam parecer levar
ao abismo que descreve São Mateus.

Em um momento de extrema polarização
política no Brasil, que exige de todos um
posicionamento claro, talvez Paloma expresse
seu engajamento político por outros caminhos.
O crítico brasileiro Mario Pedrosa já dizia que
Giorgio Morandi era o artista mais radical da
Itália fascista, que conseguiu romper com a
tradição pictórica de seu país como nenhum
de seus contemporâneos. Solitário e com
“uma alma artesanal”, Morandi dedicou a vida
a retratar de forma precisa e compulsiva um
conjunto restrito de potes e garrafas e quase
nada mais. Não será também a persistência, a
resistência a não fazer o que todos fazem que
nos torna políticos? A política e a arte podem
estar em um simples “deslocamento” daquilo
que é habitual ou a princípio fixo. E não é com
grandes discursos ou com colocações quase
didáticas que Paloma faz política. A artista
insiste em um trabalho manual, artesanal,
minucioso, que exige tempo, e é, no seu modo
de fazer e naquilo que faz que ela é, de fato,
política.